

## O POTENCIAL TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO

Aline Cristina Pereira de Azevedo

Mariana-MG, 29 de julho de 2023

Saudoso e querido professor Paulo Freire,

É com grande admiração que me dirijo a você para buscar compartilhar algumas reflexões que tive a oportunidade de fazer, com outros colegas educadores, sobretudo a partir de sua obra *Pedagogia do oprimido* (Freire, 2016). Antes de qualquer coisa, no entanto, convém me apresentar, pois o nosso lugar de fala diz muito sobre o que somos, o que pensamos e como nos constituímos como sujeitos.

Eu sou Aline Cristina Pereira de Azevedo, mãe de três filhos (uma menina e dois meninos) que me ajudam a aprender e a reaprender, a cada dia, o que é educar em seu sentido mais profundo. Antes mesmo de ser mãe, me enveredei pelos caminhos da Educação. A princípio, não por opção, mas a formação foi me mostrando as possibilidades de transformação que a Educação traz e isso foi me motivando.

Trabalho com a Educação Infantil há 19 anos, já transitei por algumas escolas e, a cada ano e a cada turma, houve um novo desafio, uma nova aprendizagem. Gadotti (2003, p. 3) afirma que “ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade”. Acredito que é realmente isso o que devemos esperar de nós mesmos, como educadoras e educadores: que possamos desenvolver o nosso trabalho como uma opção de vida e, para isso, a consciência, a criticidade, a sensibilidade e a amorosidade (elementos que você tanto defende) são muito importantes, não é mesmo? Kronbauer (2017) desenvolve o conceito de consciência, que você trabalha no livro *Educação como prática de liberdade* (Freire, 1999), como a capacidade de analisar o nosso processo de reflexão e, a partir disso, de forma livre, tomarmos as

decisões. Nossa, o quanto isso é importante e também difícil! Quando pensamos na Educação, em nosso país, o que vemos é que, na maioria das vezes, o discurso não caminha no mesmo passo que a prática. Melhor dizendo, quando consultamos os documentos oficiais que regem o nosso sistema educacional, as intenções educativas são tão atraentes! É quase uma regra vermos, nos documentos do Ministério da Educação e nos Projetos Político-Pedagógicos das escolas, frases como “o nosso objetivo é formar cidadãos críticos, conscientes, participativos, protagonistas”, mas a realidade das nossas escolas é tão dura, tão sofrida... Professores precisam ter jornadas duplas ou triplas para conseguirem garantir um mínimo de dignidade financeira às suas famílias porque os salários são vergonhosos, há salas de aula com 40 ou 50 alunos, escassez de material e de formação continuada, estudantes que vão para a escola em busca de um prato de comida etc. Além desse cenário caótico, tivemos de conviver, especialmente entre 2018 e 2022, com tentativas de golpe ao trabalho, à liberdade e à autonomia dos professores. A proposta do movimento Escola sem Partido, por exemplo, procurava exterminar a nossa reflexão, a nossa criticidade e a nossa consciência. O discurso de ódio, os ataques à democracia, aos direitos humanos e à diversidade foram tornando a nossa ação educativa ainda mais difícil. Se voltarmos alguns outros anos, nos deparamos com a cruel Reforma da Previdência, de 2019, que tirou, dos trabalhadores de maneira geral e dos professores em especial, os seus direitos a uma aposentadoria mais ou menos digna. Com todas essas dificuldades, não estou afirmando que não é possível realizar um trabalho comprometido com o desenvolvimento dos nossos alunos (como você bem fez, mesmo com todos os limites impostos), mas você sabe que as condições a que os professores estão submetidos interferem em seu envolvimento e em sua dedicação ao trabalho, porque elas são, muitas vezes, subumanas. Essa situação violenta e opressora, como você defende, nos desumaniza: “a violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura outra vocação – a do ser menos” (Freire, 2016, p. 41). Apesar disso, você também nos motiva a buscar a nossa capacidade em “ser mais” e isso é que devemos fazer, como humanos e educadores. Mais que

isso, precisamos pensar também no quanto, muitas vezes, nos tornamos opressores: dos nossos filhos, dos nossos alunos e de tantos outros que convivem conosco. Quantas vezes, mesmo sem acreditarmos nisso e sem querermos de fato, impedimos a liberdade dos outros, ditamos as nossas regras, impomos as nossas vontades e nos colocamos como os donos da verdade. Quantas vezes defendemos uma educação libertária, mas, na verdade, o que fazemos é uma educação bancária. Não percebemos o quanto somos opressores, não é verdade? Por tudo isso, nos resta a esperança de uma educação “que faça da opressão e das suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará” (Freire, 2016, p. 43).

Como educadora (mulher, mãe, professora), posso afirmar que a leitura de *Pedagogia do oprimido* (Freire, 2016) causou, em mim, incômodo (acredito que tenha me despertado a consciência) e uma enorme esperança. Essa obra é fonte inesgotável de inspiração para aqueles que buscam uma educação comprometida com a liberdade e a justiça social. Sua perspectiva humanista e libertadora sobre a educação e sua abordagem centrada no diálogo, na conscientização e na participação ativa dos educandos ilumina um caminho que visa, não apenas à instrução, mas à libertação das amarras da opressão.

Obrigada, professor Paulo Freire, por tudo o que você fez pela educação do Brasil e do mundo. Mesmo que alguns tentem apagar a sua história, jamais deixaremos sua luz cessar. Em suas obras e em seus ensinamentos, consigo enxergar a esperança de uma nova educação voltada para o bem comum, em prol da aprendizagem e da formação integral de todos, sem distinção, sem preconceito e sem exclusão.

Que a esperança de libertação ecoe em nossos ouvidos, consciência e corações.

Um grande e fraterno abraço,

Aline

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 253p.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: GRUBHAS, 2003. 122p.

KRONBAUER, Luiz Gilberto. Consciência (verbetes). In: STRECK, Danilo; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 439.